

O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

1. DEFINIÇÕES

A evolução da educação a distância fez surgir novas ferramentas para otimizar o processo educacional, especialmente os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), tão significativos nesta modalidade. Eles foram criados para facilitar o processo de comunicação entre comunidades distintas - para fins educacionais ou não -, a partir da década de 1990, devido à grande popularização da internet.

Os AVAs têm sido importantes para o planejamento, execução e viabilidade dos cursos de ensino a distância (EAD). Mas, para entendermos como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm auxiliado no processo de ensino e aprendizagem hoje, é preciso: saber o que se define como Ambiente Virtual de Aprendizagem, quais as ferramentas podem ser trabalhadas dentro desses ambientes, quais os principais AVAs disponíveis e como utilizá-los.



SAIBA MAIS! Revista TV Escola - Tecnologias na Educação 3ª ed.
http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/revista/tecnologias_na_educacao/revista03_1_2011/ed_3_revista_tv_escola_completa.pdf



Os AVAs só foram possíveis com o surgimento da internet e seu acesso disponibilizado para a população. Ribeiro, Mendonça e Mendonça (2007) definem esses ambientes como um novo meio para aprendizado e educação a distância, cuja importância é atuar como ferramenta para troca de informações, comunicação, interação e para disponibilização de material de estudo, no apoio a essa modalidade de aprendizagem.

O uso dos AVAs para fins educacionais tem se ampliado em várias instituições pelo mundo, para auxiliar os ensinos presencial, semipresencial e os cursos a distância. São considerados por muitos a verdadeira possibilidade de expansão de uma nova modalidade de ensino, centrada na **aprendizagem colaborativa** e realocando a posição do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Aprendizagem colaborativa: pressupõe um ambiente de aprendizagem aberto em que o sujeito se envolve a fazer coisas e a refletir sobre o que faz, sendo-lhe dada oportunidade de pensar por si mesmo e de comparar o seu processo de pensamento com o de outros, promovendo o pensamento crítico. (ALCÂNTARA; SIQUEIRA; VALASKI. 2004)



Os AVAs são conhecidos por outras denominações, como *Learning Management Systems (LMS)* e Plataformas de Apoio ao Processo de Ensino e à Aprendizagem. Comassetto (2006), que utiliza esta última denominação, explica que não são somente os nomes que se diferenciam, mas também a sua estruturação e apresentação: cada um obedece a critérios próprios. Dessa forma, em sua maioria, apresentam diferenças de *layout*, forma de acesso, funcionamento, ferramentas, disponibilização de conteúdos e interação dos usuários.

Ainda segundo a autora, o desenvolvimento desses ambientes ocorreu no Brasil, na década de 1990, com o intuito de atender a novas especificações da configuração educacional do país, como a flexibilidade nos horários dos alunos, a democratização de educação e a **educação permanente**.

Educação permanente: Exige do sujeito a percepção de encontrar novas formas de encarar o conhecimento. “A educação permanente, baseada no aprendizado contínuo, é condição necessária para o desenvolvimento do sujeito, no que tange ao seu autoaprimoramento, direcionado à busca da competência pessoal, profissional e social (MORIN, 1990).



Os AVAs podem ser de uso público ou privado. Os mais comuns são desenvolvidos especificamente por uma instituição e utilizados somente para a oferta dos seus cursos. No entanto, existem alguns livres, que podem ser utilizados por qualquer instituição. Os principais encontrados no Brasil são apresentados a seguir.

2. PRINCIPAIS AVAS

a) Moodle

Originado do termo *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*, *Moodle*, designa uma nova possibilidade para educadores por meio da mediação, fornecida aqui, pelo *software*. É uma das possibilidades mais conhecidas para a EAD, sobretudo, por seu caráter de acesso livre. <http://moodle.org/>

b) TelEduc

É uma plataforma gratuita que permite a criação, participação e administração de cursos via web. Foi desenvolvida pelo Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIED) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), para promover a formação de professores em informática educativa, utilizando novos recursos para ampliar sua atuação. <http://www.teleduc.org.br/>

c) DotLRN

É um software público, disponibilizado pelo Portal do Software Público Brasileiro. Está disponível em várias línguas e permite a criação, utilização e administração de classes e comunidades *on-line*. <http://goo.gl/aUa2nS>

d) e-ProInfo

Foi desenvolvido pelo Ministério da Educação, que o define como “um ambiente colaborativo de aprendizagem que utiliza a tecnologia internet e permite a concepção, administração e desenvolvimento de diversos tipos de ações, como cursos a distância, complemento a cursos presenciais(...)”. <http://eproinfo.mec.gov.br/>



SAIBA MAIS!

http://www.softwarepublico.gov.br/register/?return_url=%2fdotlrn%2f

e) Learning Space

É um AVA disponibilizado pela *Open University* (OP), que tem sede no Reino Unido. Oferece 600 cursos a distância gratuitos no mundo, todos elaborados pela OP em todas as áreas de conhecimento. <http://openlearn.open.ac.uk/>

f) AVAs pagos

Há também muitos AVAs que são pagos e, por isso, devem ser conhecidos e bem conferidos, de acordo com os objetivos dos interessados. Alguns exemplos são:

- WebAula S/A (<http://www.webaula.com.br/>);
- Eureka (<http://eureka.pucpr.br/entrada/index.php?acao=login&reload=0>);
- WebCT (<http://webct.uwo.ca/>);
- AulaNet (<http://aulanet.les.inf.puc-rio.br/aulanet/>);
- Blackboard (<http://blackboard.grupoa.com.br/>)

❖ Você conhece ou já teve experiência com algum ambiente virtual de aprendizagem, além do PVANet? Caso conheça, o que você acha das ferramentas e interfaces de comunicação desses outros AVAs? Elas têm semelhanças ou só diferenças?

3. FERRAMENTAS E SUAS UTILIZAÇÕES

Os AVAs têm componentes responsáveis pela mediação do processo de ensino-aprendizagem, que são chamados de **interfaces**. É importante ressaltar que nem todos possuem as mesmas ferramentas. Aqui, neste item, serão apresentadas algumas das mais comuns e suas utilizações.

Interfaces: Lévy (1993, p. 181) define interface como “uma superfície de contato, de tradução, de articulação entre dois espaços, duas espécies, duas ordens de realidade diferentes: de um código para outro, do analógico para o digital, do mecânico para o humano [...]”. Segundo Schlemmer (2001), a interface é o local onde o usuário entra em contato físico, perceptivo e cognitivo, com o sistema.



É bom lembrar que cada uma dessas ferramentas pode ter nomes diferentes, de acordo com o AVA em que está inserida. Elas serão apresentadas, de maneira geral, agrupadas da seguinte forma: ferramentas de comunicação assíncrona e síncrona, ferramentas de conteúdo e de avaliação.

3.1. Comunicação assíncrona



As ferramentas de comunicação assíncrona são aquelas que mediam a comunicação entre aluno-professor, aluno-aluno e professor-professor. No entanto, essa comunicação não ocorre em tempo real, na qual emissor e receptor da mensagem estejam juntos no AVA, engajados em uma conversa ou atividade. O termo “assíncrona” já indica que não há uma sincronia entre as partes durante o processo de comunicação. Os exemplos mais representativas são os fóruns (imagem 1) e o e-mail

a) Fóruns

São ferramentas geralmente organizadas segundo uma temática. O aluno pode acessá-las e responder ao tema proposto, ou enviar sua mensagem acerca do assunto. A mensagem fica ali registrada para que os demais possam ver. Se outro desejar responder à questão inicial ou comentar a resposta do colega, também poderá fazê-lo - geralmente clicando no botão “responder”. A mensagem também ficará registrada.



Imagem 1 – Exemplo de fórum utilizado no PVANet, o AVA da UFV

Fonte: <https://www2.cEAD.ufv.br/sistemas/pvanet/geral/login.php>

Alguns fóruns dispõem ainda da figura do **mediador**, que, no caso do ensino a distância, costuma ser representado pelo professor ou tutor. O mediador, muitas vezes, intervém para retirar dúvidas, corrigir conceitos e proposições ou para instigar a participação, investigação e reflexão dos alunos.

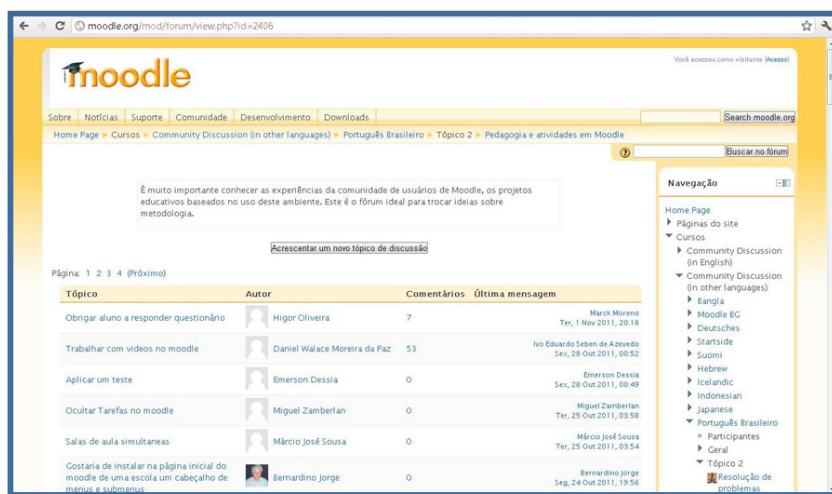


Imagem 2– Exemplo de fórum utilizado no AVA Moodle

Fonte: <http://moodle.org/mod/forum/view.php?id=5044>

b) E-mail

Outra ferramenta de comunicação assíncrona muito utilizada no ensino a distância; é uma forma de correspondência eletrônica, na qual é possível enviar uma mensagem para um ou mais remetentes. Por meio dele, há também a possibilidade de anexar arquivos.

Alguns AVAs têm sistemas de *e-mail* próprios ou *links* de acesso aos seus ambientes. O PVANet, por exemplo, apresenta um *link* ao *e-mail* institucional da rede UFV. Por meio dele, o aluno pode acessar rapidamente a sua caixa de entrada, verificar as mensagens recebidas e enviar outras.



Imagem 3 – Exemplo de sistema de *e-mail* no PVANet

Fonte: <https://www2.cead.ufv.br/sistemas/pvanet/geral/login.php>

3.2. Comunicação síncrona

Outra opção para os AVAs são as ferramentas de comunicação síncrona. Elas permitem a interação de dois ou mais indivíduos de forma sincronizada (*on-line*), ou seja, quando ambos estão ao mesmo tempo no sistema.

Nos AVAs, a principal ferramenta é o *chat*, encontrado em diversos *sites*, redes sociais e programas. Ele pode ser estruturado de maneiras bastante distintas. Basicamente, têm em comum a organização por salas, que são os “espaços” virtuais onde ocorre a conversação. Alguns apresentam várias salas, mas outros podem ter apenas uma. Elas podem ser organizadas segundo temáticas, turmas, grupos e outros critérios variados.

As mensagens são enviadas e recebidas em tempo real pelos alunos, o que permite a comunicação e integração simultânea. Os *chats* podem ser utilizados em EAD para trabalhos em grupos, discussões entre a turma e integração entre alunos, professores e tutores.

3.3. Ferramentas de conteúdo

São aquelas utilizadas dentro dos AVAs para exibir conteúdos distintos. Possibilitam a disponibilização de arquivos em seus mais variados formatos: PDF, Word, Excel, TXT e *links*.

É por meio dessas ferramentas que o professor disponibiliza os vídeos, tutoriais e simulações, ou seja, os conteúdos que compõem aquele curso ou disciplina. Essas ferramentas, metaforicamente, poderiam ser comparadas ao “esqueleto” do AVA.

Como todas as outras ferramentas, as de conteúdo têm possibilidades diferentes, de acordo com o AVA. Algumas permitem a organização do conteúdo por pastas, a critério dos professores; outros possibilitam a sistematização dele por módulos, em que as demais ferramentas também podem ser distribuídas, como o PVANet.

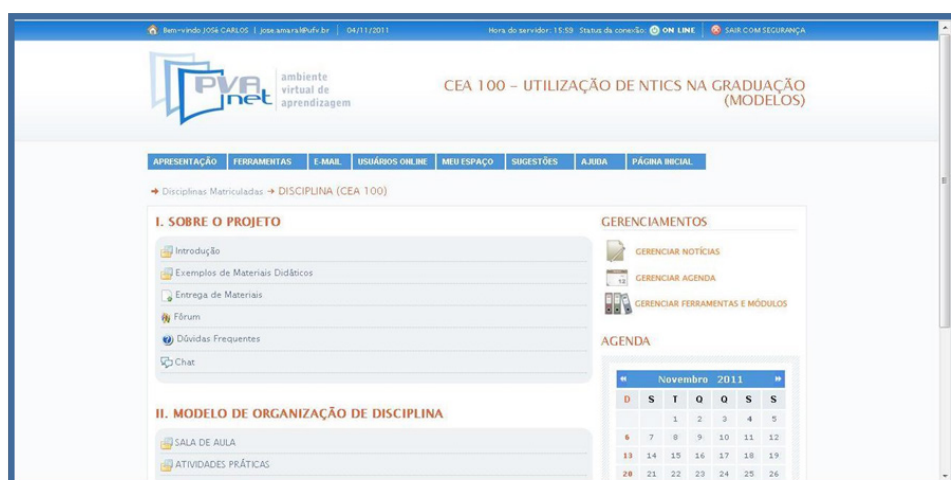


Imagem 4 – Organização de conteúdo em módulos no PVANet

Fonte: <https://www2.cead.ufv.br/sistemas/pvanet/geral/login.php>

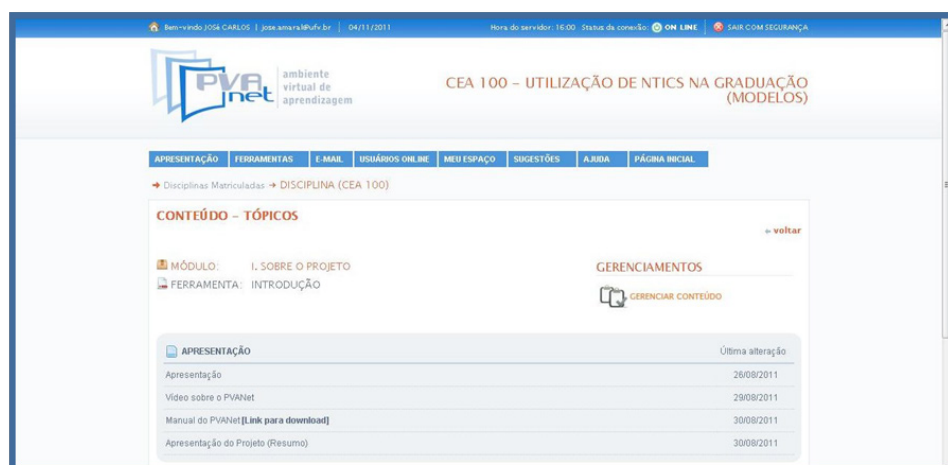


Imagem 5 – Apresentação do conteúdo no PVANet

Fonte: <https://www2.cEAD.ufv.br/sistemas/pvanet/geral/login.php>

3.4. Ferramentas de avaliação

São específicas para auxiliar o processo de avaliação dos alunos. Aqui, serão apresentadas duas ferramentas: a *Entrega de tarefa* e a *Avaliação*.

a) Entrega de tarefa

A ferramenta é utilizada para possibilitar que os alunos entreguem seus trabalhos diversos em um espaço reservado dentro do próprio AVA. Ela é útil na medida em que padroniza como, quando e onde os alunos devem entregar os trabalhos, e aproxima ainda mais as atividades do curso a distância com as de um presencial. Facilita também a atuação do professor/tutor no momento de acessar todos os trabalhos.



No caso específico do PVANet, essa ferramenta gera para o aluno um comprovante útil em caso de problemas técnicos ou operacionais. O professor consegue também estipular data e hora limites no sistema para que os alunos façam a entrega e, após o término do prazo, pode gerar a lista completa dos trabalhos recebidos. Na descrição da tarefa, o professor consegue ainda colocar o valor daquela atividade e outras informações que julgar necessárias.

Outra ferramenta importante no PVANet é a **“Avaliação”**. Ela possibilita a criação de questões abertas e fechadas, bem como a definição do período em que estará disponível no sistema. Após a resolução da avaliação, o aluno tem a oportunidade de gerar um comprovante de realização e poderá acessar sua nota depois do término da prova ou em prazo definido pelo professor.

AVALIAÇÕES

MÓDULO: PRINCIPAL

AVALIAÇÕES

Título	Opções
Atividade Aula 06	Informações Resolver Avaliação
Atividade Aula 5	Informações Resolver Avaliação

Imagem 6 - Interface da ferramenta avaliação do PVANet

ENTREGA DE TAREFAS

MÓDULO: LUCIANO

FERRAMENTA: ENTREGA DE TAREFAS

GERENCIAMENTOS
GERENCIAR ENTREGA DE TAREFAS

TEMA: TESTE

Data de início da entrega: 09/03/2012 - Data final de entrega: 15/03/2015 - Valor: 10 pts

→ Clique aqui e confira a descrição do trabalho

Envio do trabalho Listar todos os trabalhos

Imagem 7 – Interface inicial da ferramenta entrega de trabalho do PVANet

Fonte: <https://www2.cead.ufv.br/sistemas/pvanet/geral/login.php>

❖ Quanto às ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona do PVANet, qual delas o (a) auxiliou mais no desenvolvimento de suas atividades?



4. MAPEANDO AS POSSIBILIDADES

Antes de fazer uso de um ambiente virtual de aprendizagem, é preciso caracterizar dois pontos: qual ambiente foi escolhido e qual será a posição de quem vai utilizá-lo. Em primeiro lugar, é preciso atentar para o fato de que cada AVA tem possibilidades e limitações que irão mostrar, de certa forma, como ou quando deve ser utilizados. Dentro dele, portanto, é preciso identificar quais são as ferramentas possíveis. Em segundo lugar, é necessário distinguir a posição do usuário: se será o administrador de determinado curso ou atividade, o tutor/professor ou o aluno.

Note que as possibilidades de um aluno dentro de um AVA são limitadas quando comparadas às de um professor. Logo, a forma como o aluno irá utilizar o ambiente virtual de aprendizagem é diferente da forma do professor, que provavelmente tem mais permissões. Saiba como cada um pode utilizá-lo.

a) O aluno: dentro do AVA, ele não pode acrescentar, remover, nem editar ferramentas e conteúdos. Sua experiência é a de aprendizagem e interação

com os professores e os outros alunos. Alguns ambientes possibilitam *chat* livre, uma ótima oportunidade de conhecer os colegas que, na maioria das vezes, estão fisicamente distantes, além de permitir contatos com o tutor. Há ainda, em alguns AVAs, uma agenda disponível aos alunos, na qual podem organizar seus compromissos, anotações e datas importantes. Também o fórum pode ser criado pelos próprios alunos, o que facilita a comunicação entre eles e deles com tutores e professores.

b) O professor: é aquele que orienta a disciplina, a organização dos conteúdos e a programação de cada unidade/módulo/semana. Diferentemente do aluno, ele tem certa autonomia para acrescentar ferramentas e editá-las dentro do AVA. O professor, na verdade, é auxiliado pelo tutor, que programa e coordena as atividades para disponibilizar determinado curso ou disciplina no AVA.

O professor decide também, muitas vezes em parceria com os técnicos de cada área, quais os formatos que os conteúdos irão assumir para se tornarem mais interessantes e dinâmicos. É ele que verifica, dentre outras possibilidades, se determinado conteúdo ficaria viável em filme, aula narrada ou simulação. É o professor ainda que organiza as avaliações e os exercícios e orienta a atuação dos tutores. O conhecimento do AVA auxilia no planejamento de um curso ou disciplina que gere experiências de aprendizagem positivas para os alunos, minimizando a distância física. Ele deve conhecer as possibilidades para deliberar as opções mais viáveis para cada tipo de conteúdo.

c) O tutor: é uma figura que ganha destaque na educação a distância. Assim como no ensino presencial, ele auxilia os estudantes nas dúvidas mais frequentes e ajuda o professor no preparo dos conteúdos e materiais a serem disponibilizados pelos alunos. No entanto, em EAD, ele assume ainda as funções de incentivar a interação dos alunos e de instigá-los a pesquisar e participar das discussões levantadas sobre determinado tema.

O tutor também auxilia o professor na correção de exercício e avaliações. Para os tutores, explorar o AVA e suas possibilidades significa dominar todos os recursos do ambiente para melhor orientar os alunos e auxiliar os professores.

d) O administrador: é quem garante a execução plena do ambiente e de suas ferramentas. Note que pode haver muitos administradores organizados em hierarquias e formas diferentes trabalhando para o mesmo AVA. Dentre as suas funções, estão a de garantir: o servidor no qual o ambiente está hospedado; a segurança dos usuários; o bom funcionamento do ambiente, de acordo com os requisitos mínimos exigidos; o cadastro dos usuários; o suporte e a manutenção na utilização das ferramentas e a criação das interfaces do AVA.

5. ORGANIZANDO O CONTEÚDO NO AVA

Para professores e tutores, entender o AVA para construir um curso ou disciplina a distância é importante, sobretudo, para garantir a sua utilização plena.



Primeiramente, deve-se visualizar como o curso - ou a disciplina - será sistematizado: em módulos, capítulos, semanas, etc. Definir esta sistematização é importante para direcionar como o conteúdo será disposto e compartilhado. O professor pode optar por disponibilizar gradualmente os conteúdos do curso, na medida em que o cronograma vai avançando, o que também é uma forma de acompanhar o acesso gradual dos estudantes.

O professor pode optar ainda por disponibilizar todo o conteúdo de uma só vez, caso não julgue necessário o acompanhamento dos alunos por nivelamento, e queira possibilitar maior autonomia dos estudantes em gerenciar seus estudos.

6. AVALIANDO A UTILIZAÇÃO DO AVA

Durante o andamento do curso ou disciplina, o professor, o tutor e o administrador podem, por meio de métodos simples, avaliar a utilização do ambiente virtual de aprendizagem pelos estudantes. Esta avaliação é importante por inúmeras razões, dentre elas: identificar possíveis erros técnicos e operacionais, bem como as principais dificuldades encontradas pelos estudantes no AVA e mapear o histórico de exploração dos recursos pelos alunos.

6.1. Mas como fazer esta avaliação?

A partir de relatórios fornecidos pelo sistema do AVA, o administrador consegue se informar sobre a periodicidade de acesso dos estudantes, bem como sobre a sua participação geral. Este acesso, ou não, ao AVA pode explicitar desde problemas técnicos, de interface ou até de má elaboração de conteúdo.

Outro método simples de avaliação do AVA é pela aplicação de questionários, disponibilizados e respondidos pelos estudantes (no final ou durante o curso), para que avaliem os diferentes aspectos do ambiente, suas ferramentas e organização do conteúdo, além da atuação do tutor.

❖ Conhecer as ferramentas do AVA pode favorecer o trabalho do professor durante o planejamento do curso. Será que também é importante que o aluno domine este ambiente virtual?

❖ A utilização do AVA está contribuindo para a construção do conhecimento acerca dos temas trabalhados no curso?



AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

1. NECESSIDADE DE MONITORAR O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O que ensinamos está mesmo ficando claro? O que oferecemos, em termos de ferramentas para favorecer a aprendizagem, está mesmo sendo eficaz?

Essas são perguntas que os profissionais de qualquer sistema educacional de qualidade se fazem com frequência. Várias estratégias são pensadas, desenvolvidas e implementadas com um único propósito: favorecer a aprendizagem do aluno.

2. AVALIAÇÃO: UMA QUESTÃO POLÊMICA

Você está participando de um curso a distância. Imagino que você já tenha se perguntado de que forma serão realizadas as avaliações neste curso. Pois bem: antes de prosseguir, que tal fazer um exercício mental? Como acha que será avaliado(a) nas diferentes disciplinas do seu curso a distância?

Provavelmente, você já deve ter recebido informações sobre como será a estrutura do curso a distância no qual está matriculado(a), assim como os tipos de avaliações, as datas em que acontecerão, etc. No entanto, imagino que se eu fizesse essa pergunta há alguns meses, você teria dificuldades para achar as respostas.



Isso porque estamos acostumados, desde o nosso primeiro ano de escola presencial, a fazer avaliações ao final de cada conteúdo das diferentes disciplinas no sistema presencial de ensino. São provas escritas e frequentemente recheadas de questões elaboradas, de forma a não exigir análise e raciocínio por parte do aluno, mas sim memorização, “decoreba”. E, na modalidade de educação a distância, isso é diferente? As provas devem ser escritas, presenciais, mesmo que as aulas não o sejam?

Na verdade, a avaliação da aprendizagem tem sido um dos aspectos mais polêmicos quando se trata de EAD. Para muitos educadores, é importante que a avaliação seja feita presencialmente, para evitar fraudes. Afinal, já que o aluno não conta com a presença física do professor, quem poderia garantir que uma avaliação feita longe dos olhos atentos desse professor esteja realmente sendo

feita pelo estudante matriculado no curso?

Por conta dessa questão, o Ministério da Educação solicita de diversas instituições que oferecem cursos a distância que realizem avaliações presenciais. No entanto, embora o processo de avaliação da aprendizagem em EAD possa ser semelhante ao da educação presencial, podemos lançar mão dos recursos tecnológicos para propiciar ao aluno o desenvolvimento da autonomia crítica frente a situações práticas que lhe são apresentadas.

Por essa razão, é necessário oferecer, dentre outros elementos, métodos de avaliação ao longo do curso que permitam que o aluno possa desenvolver a sua capacidade de análise. Isso lhe possibilitará ter confiança na realização de atividades e avaliações, inclusive nas avaliações presenciais:

Considerando que um curso a distância envolve a necessária relação entre inúmeros componentes – professores, alunos, objetivos e conteúdos de ensino, atividades de aprendizagem e de avaliação, ambiente virtual, material bibliográfico, entre outros – e que cada um deles é suscetível a infinitas variações, a avaliação do curso deve ser contínua e capaz de captar os acertos e erros, as facilidades e dificuldades para cada grupo particular de professores, alunos, conteúdos, etc. Desse modo, é desejável que se considere a possibilidade de avaliação em processo, orientada por instrumentos que permitam identificar e caracterizar essas variações tão cedo quanto possível, para desencadear os necessários procedimentos de reorientação dos trabalhos, sem prejuízo do andamento do curso. (CARLINE & RAMOS 2009:161. In: *Educação online – cenário, formação e questões didático-metodológicas*, p.311-312)

3. TIPOS DE AVALIAÇÃO

Alguns pesquisadores apontam três tipos importantes de avaliação:

Avaliação Diagnóstica: permite ao professor verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto da aula, bem como identificar possíveis dificuldades de aprendizagem.

Avaliação Formativa: pode acontecer periodicamente durante o curso. Serve para analisar o processo de aprendizagem de cada aluno, identificando possíveis dificuldades e, a partir daí, orientar o aluno sobre o que ele aprendeu e o que ainda precisa aprender sobre determinado conteúdo.

Avaliação Somativa: Permite verificar o nível de aprendizado que o aluno alcançou, por meio da atribuição de notas. A atribuição de notas favorece a comparação de resultados obtidos entre os alunos, possibilitando fazer uma classificação dos alunos por notas, ao final do curso.

Atenção: Avaliação é um tema complexo, polêmico e amplo. Para nos focarmos no ponto-chave de nossa disciplina, a partir de agora abordaremos apenas estratégias de avaliação da aprendizagem voltadas para alunos de cursos a distância.

4. BASES DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM EAD

Aulas, dinâmicas, atividades práticas e todo tipo de estratégia que possibilitem ao aluno aprender melhor são bem-vindas, seguidas, é claro, de um processo de avaliação que revele se essas estratégias estão sendo bem-

sucedidas.

A avaliação, portanto, é uma das etapas que compõem os processos educacionais. Para estruturá-la, é necessário levar em consideração tudo aquilo que foi oferecido ao aluno para, a partir daí, elaborar essa avaliação.

4.1. Objetivos de aprendizagem

Em uma aula, por exemplo, você encontra, logo no início, os objetivos de aprendizagem. Você já parou para pensar o que eles significam?



Os objetivos listados no início de uma aula são os pontos do conteúdo que o professor que a escreveu elegeu como principais. Eles são um excelente norteador para seu estudo, não só porque sinalizam o que é mais importante numa aula, mas porque também mostram o que o professor pode cobrar em uma prova ou trabalho.

Assim, antes de tudo, numa avaliação é importante saber se os objetivos propostos nas aulas estão sendo alcançados por você. Isso pode ser feito ao longo de todo o processo (de toda aula ou de toda a disciplina) por meio de diferentes atividades:

- no material didático;
- na plataforma ou ambiente virtual de aprendizagem;
- no polo (local indicado para os encontros presenciais nos cursos a distância).

Com isso, quando o aluno chega à avaliação presencial, sente segurança para responder às perguntas propostas. Dessa forma, a avaliação não fica restrita somente ao final de cada unidade de ensino, mas passa a fazer parte do processo de ensino-aprendizagem.

4.2. O processo de aprendizagem

A teoria sobre tipos de avaliação nos diz que uma possibilidade é avaliar o processo de aprendizagem, e não só o resultado final, numa prova, por exemplo. É importante avaliar o quanto o aluno se esforçou, o quanto caminhou do ponto em que estava ao ponto a que chegou. Mas como fazer isso?

Devemos estar atentos para avaliar um processo, e não só um resultado final?

“Avaliar o processo de aprendizagem envolve a coleta de dados sobre o aluno, para verificar e analisar como ele chegou aos resultados apresentados. Ou seja, o professor terá de coletar e analisar:

- Caminhos percorridos pelo aluno no material didático fornecido pelo professor;
- Fontes consultas e a frequência das consultas;
- Fontes ou recursos complementares fornecidos pelo professor, pesquisados e utilizados pelo aluno;
- Fontes ou recursos complementares localizados pelos alunos, pesquisados e utilizados;
- Contribuição do aluno nas atividades que envolviam a cooperação;
- Estilo de trabalho: uso de fontes complementares de informação versus uso do material dado ao professor;
- Participação nas reuniões de grupo;
- Regularidade dos contatos do aluno com o professor: somente em datas próximas à entrega dos trabalhos ou contatos regulares;
- Nível de utilização dos recursos disponíveis no curso e sua adequada utilização, através dos trabalhos e provas realizados.” (SILVA; SANTOS)



Segundo SILVA & SANTOS, para poder colaborar com a aprendizagem, a avaliação deve ser contínua, e não realizada apenas de forma pontual e isolada - quase sempre no final de um período escolar. A avaliação da aprendizagem é parte integrante do processo ensino-aprendizagem, e não apenas de uma de suas etapas. Realizar a avaliação contínua supõe um conjunto de procedimentos e práticas que se aplicam ao longo de todo processo de aprendizagem. A sua principal característica é que ela é processual e dinâmica. O conceito de avaliação contínua exclui a realização da avaliação como instrumento punitivo e classificador, transformando-a em instrumento motivador da aprendizagem.

Agora que você já sabe “ao que” deve estar atento, falta saber como, já que a modalidade de educação é a distância.

Por exemplo, imagine que um professor proponha o desenvolvimento de um projeto, uma pesquisa sobre temas de interesse ou próximos à vida desse aluno. O uso de ferramentas, como fórum ou *chat* para cursos que utilizam ambientes virtuais educativos, pode servir de guia no desenvolvimento de projetos, desde que bem conduzidos e orientados pelo professor. Além de auxiliar os alunos, o uso dessas ferramentas possibilita que o professor monitore o andamento dos alunos no desenvolvimento do projeto.

SILVA & SANTOS ainda completam: “educadores que enfatizam a aprendizagem colaborativa frequentemente têm foco na avaliação da participação dos aprendizes em interações por meio de ferramentas de comunicação eletrônica [...]. Há um grande interesse no registro e monitoração de variáveis, como o total de contribuições de um aprendiz, total de horas online, número de *logins*, total de mensagens enviadas, quantidade e qualidade das interações e análise dos padrões de interação dos aprendizes por meio de diagramas.”

5. AVALIAÇÃO ALÉM DO ALUNO

É comum vermos a avaliação colocada como algo que se refere apenas ao aluno. No entanto, a avaliação deve ser muito mais completa e contemplar o aluno e o curso como um todo. Ou seja, o processo de avaliação não deve estar concentrado somente no aluno, mas deve se estender ao sistema como um todo – essas são as *avaliações institucionais*.



Essa compreensão é importante, porque a aprendizagem sofre influência de diversos fatores. Material disponível no prazo, impressão de qualidade, textos claros e propostas de atividades contextualizadas, tudo isso influencia a aprendizagem dos alunos. Portanto, o projeto de curso, os conteúdos, a metodologia, os professores e os tutores precisam também ser avaliados, tanto quanto os alunos. O seu material didático também deve ser avaliado. Isso porque, como já falamos em aulas anteriores, os alunos de cursos a distância têm características diferenciadas daqueles de cursos presenciais. A dedicação aos estudos deve ser maior, em função da não-presença física do professor.

Mas o que o material didático tem a ver com isso? Tudo! Os conteúdos e módulos de um curso em EAD devem ser estruturados de forma a facilitar a aprendizagem do aluno que não está diante do professor. Para isso, algumas características didáticas são importantes. Elas podem estar relacionadas com os seguintes aspectos:

- **Conteúdos** – seleção adequada dos conteúdos, contextualizados à realidade do aprendiz e às necessidades dele no curso que está fazendo.
- **Motivação do aluno** – o conteúdo deve provocar e manter o interesse do aluno, durante todo o curso. Isso pode ser feito por meio de uma linguagem mais leve, em tom de conversa e usando imagens, por exemplo.
- **Relação com outros conhecimentos** – o processo de aprendizagem deve ser significativo para o aluno. A apresentação do conteúdo deve levar em consideração saberes que o aluno detém a partir da sua experiência de vida.
- **Objetivos** – em cada aula, o aluno deverá ter conhecimento de quais são:
 - os pontos principais do conteúdo;
 - o que o professor espera que ele saiba depois do estudo da aula/ disciplina;
 - o que pode ser cobrado em uma avaliação.
- **Métodos** – a didática a ser adotada está coerente com o tipo de curso?
Cursos técnicos, por exemplo, precisam de uma carga de aula prática maior do que, em geral, os de graduação.
- **Conexão com outros conteúdos e mídias** – o material deve ser rico em sugestões e indicações de:
 - sites;
 - livros;
 - uso de animações e simulações;
 - vídeos.

Isso possibilita que o aluno expanda seu conhecimento para além do material didático; a partir da busca desses novos conteúdos e recursos, o aluno enriquece sua aprendizagem e desenvolve sua autonomia.

- **Atividades** – exercícios propostos, com respostas automáticas ou estudos de caso, baseados em problemas ou projetos, colaborativos, individuais, etc.

Agora que você já aprendeu o que deve ser levado em consideração em uma avaliação, pense um pouco: você acha que só uma prova ou um teste dão conta de avaliar tudo o que comentamos? Claro que não! A seguir, você verá um pouco sobre objetos que podem ser utilizados para realizar avaliações.

6. FORMAS DE AVALIAR

As avaliações podem ser realizadas por meio de alguns instrumentos, tais como:

- autoavaliação;
- teste objetivo;
- exercícios;
- monografia;
- estudo dirigido;
- projeto;
- prova presencial ou supervisionada, dependendo da característica de cada curso

Veja, a seguir, um pouco mais de detalhes sobre cada tipo de avaliação:

a) Autoavaliação – O aluno a realiza com o objetivo de avaliar até que ponto avançou a sua aprendizagem em determinado assunto de uma aula, bem como outros fatores que podem interferir no seu “rendimento”, tanto positiva quanto negativamente.

No ambiente de aprendizagem é possível que o sistema processe as respostas automaticamente. Nesse caso, o trabalho do professor é apenas cadastrar as respostas corretas para a atividade, no ambiente do curso.

Segundo Palloff e Pratt (2002), a autoavaliação é um dos procedimentos indispensáveis para se refletir sobre as diferenças – reflexão esta indispensável em um mundo cada vez mais plural. No âmbito dessa proposta, os alunos devem ser orientados no sentido de alcançar a **metacognição**. ”

Metacognição: (meta- + cognição) s. f. Reflexão sobre a função cognitiva.



SAIBA MAIS! METACOGNIÇÃO. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=metacogni%E7%E3o>>.

“[...] é importante que o aprendiz esteja aberto para avaliar criticamente seu próprio aprendizado, o que poderá conduzi-lo a aprender mais sobre a área de estudo e a adquirir informações adicionais, que poderão ir além da participação no curso. Dessa forma, estará desenvolvendo suas habilidades, como pesquisador e, conseqüentemente, realizará um aprendizado bem-sucedido”. (SILVA; SANTOS)

b) Testes objetivos – No ambiente de aprendizagem, é possível que o sistema processe as respostas automaticamente. Nesse caso, o trabalho do professor é apenas cadastrar as respostas corretas para a atividade, no ambiente

do curso.

c) Estudo dirigido – Pode ser utilizado para avaliar se os alunos são capazes de expor seus conhecimentos após estudar um determinado assunto.

Pode atender, com vantagens, às exigências do processo de aprender, uma vez que, utilizando-se de dados reais contidos nas diferentes áreas do conhecimento, incentiva a atividade intelectual do aluno, força-o à descoberta de seus próprios recursos mentais, facilitando-lhe o desenvolvimento das habilidades e operações de pensamento significativas – identificar, selecionar, comparar, experimentar, analisar, concluir, solucionar problemas, aplicando o que aprendeu – e possibilitando a ele ajustar-se às tarefas que deve executar para alcançar o previsto nos objetivos. “O estudo dirigido predispõe o aluno à criatividade, uma vez que a sua finalidade principal está voltada à atividade da reflexão, e o pensamento reflexivo, de acordo com as circunstâncias do indivíduo, provoca a necessidade de inventar, buscar modos pessoais de operar com inteligência e resolver o que lhe foi proposto”(CINEL, 2003).

d) Provas presenciais ou supervisionadas – As avaliações presenciais em sistema de EAD são obrigatórias, de acordo com a legislação vigente. Podem ser utilizadas para verificar o nível de preparo do aluno presencialmente para responder sobre determinado conteúdo exposto ao longo do curso.

A data, o local e a hora para aplicação da prova presencial são pré-definidos; essas avaliações acontecem sob a supervisão de professores, tutores ou coordenadores do curso. O fato de a avaliação ser presencial é uma garantia de que o aluno matriculado no curso é quem, na verdade, está realizando a prova, demonstrando até que ponto as atividades realizadas a distância foram realmente fruto do esforço pessoal de cada aluno.

e) Outras formas de avaliação: Dependendo do tipo de curso, outras formas de avaliação podem ser necessárias, como:

- provas práticas em oficinas;
- demonstrações em laboratórios;
- estudos de casos.

Elas podem ocorrer nos polos presenciais ou, dependendo das aulas práticas, podem ser bem detalhadas no material impresso, com a descrição de como fazer a prática passo a passo, com ilustrações.

De acordo com o tipo de avaliação a ser “aplicado”, as ferramentas do ambiente virtual de aprendizagem podem ser muito funcionais para auxiliar os professores.

7. RESUMINDO

- A avaliação da aprendizagem tem sido um dos aspectos mais polêmicos quando se trata de EAD. Isso porque para muitos educadores é importante que a avaliação seja feita presencialmente, atendendo à legislação vigente.
- A avaliação faz parte do processo de ensino-aprendizagem e, não necessariamente, deve ser realizada somente ao final de cada unidade de ensino, mas sim ao longo de todo o processo por diferentes atividades. Deve contemplar o aluno e o curso como um todo. Ou seja, o processo de avaliação não deve estar concentrado apenas no aluno, mas deve se estender ao sistema como um todo.

- As avaliações podem ser realizadas por meio de autoavaliação, teste objetivo, exercícios, monografia, estudo dirigido, projeto, prova presencial ou supervisionada, dependendo da característica de cada curso.
- Os conteúdos e módulos de um curso em EAD devem apresentar características próprias didaticamente organizadas, para motivar e facilitar o processo de ensino-aprendizagem.
- Se durante o curso está prevista a utilização de ambiente de aprendizagem, diversas atividades podem ser propostas pelos professores e desenvolvidas pelos alunos por meio das ferramentas do ambiente. Conforme o tipo de ambiente, algumas ferramentas disponibilizam para o professor diferentes mecanismos para o processo de avaliação.

8. LEITURAS RECOMENDADAS

Aqui você poderá conferir mais sobre a avaliação da aprendizagem em educação a distância. Slides, de autoria da pesquisadora Dr. Stella C. S. Porto - UMUC (IC/UFF):

<http://www.abed.org.br/congresso2002/minicursos/08/congresso/frame.htm>

E sobre ambientes educativos você poderá acessar os seguintes endereços:

<http://www.webeduc.mec.gov.br/educacionais.phper> - Portais educativos

<http://www.webeduc.mec.gov.br/educacionais.php>

<http://www.proativa.vdl.ufc.br/oa/oa.php> - Grupos de pesquisa interativa

http://www.escolanet.com.br/links/links_abert.html - Instituições de Educação a Distância no Brasil

<http://www.webeduc.mec.gov.br/> - O Portal de Conteúdos educacionais do MEC

e-Tec Brasil – Tópicos em Educação a Distância

E nossa sugestão de leitura:

Avaliação em Ambientes de Aprendizagem Colaborativa Apoiada por Computador. Autores: João Vitor Vilas Boas de Freitas e Julio Eduardo da Silva Conceição. Ou acesse direto do endereço: <http://www.frb.br/ciente/2006.1/BSI/BSI.FREITAS.etal.F2.pdf>

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CINEL, Nora Cecília Bocaccio. Estudo dirigido Técnica pode ser usada em sala de aula e fora do espaço escolar. REVISTA DO PROFESSOR, jan./mar. 2003. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espacovirtual/espacopraxis-pedagogicas/BANCO%20DE%20SUGEST%C3%95ES%20DE%20ATIVIDADES/estudo%20dirigido.pdf>

CORRÊA, Juliane. Planejar e avaliar em programas de educação a distância.

In: SENAC. *Curso de especialização a distância*: E-Book. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005. CD-ROM.

FREITAS, João Vitor V. B.; CONCEIÇÃO, Julio Eduardo da Silva. *Avaliação em Ambientes de Aprendizagem Colaborativa Apoiada por Computador*.

[S.l.: s.n], [s.d]. Disponível em: <<http://www.frb.br/ciente/2006.1/BSI/BSI>

LAASER, W. *Manual de criação e elaboração de materiais para educação a distância*. Brasília: CEAD: Editora Universidade de Brasília, 1997.

MORAN, J.M. O que aprendi sobre avaliação em cursos semi-presenciais. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa (Orgs). *Avaliação da Aprendizagem em Educação Online*. São Paulo: Loyola, 2006.

NEDER, M. L. *Avaliação na educação a distância: significações para definição de percursos*. [S.l.: s.n.], [s.d.] Disponível em: <<http://www.nead.ufmt.br/documentos/AVALIArtf.rtf>>

NISKIER, A. *Tecnologia educacional: uma visão política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

NUNES, I. B. *Noções de educação a distância*. [s.l.: s.d], 1992. Disponível em: <<http://www.ibase.org.br/~ined/ivoniol.html>>

PIMENTEL, N. M. *Educação a distância*. Florianópolis: SEAD: UFSC, 2006. 144p.

PRIETO, D.; GUTIERREZ, F. *A mediação pedagógica: educação a distância alternativa*. Campinas: Papirus. 1991.

SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. *Avaliação da aprendizagem em educação online*.

SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. *Avaliação da aprendizagem em educação online*. Capítulo: A avaliação da aprendizagem na educação online: uma experiência do MiniWeb Cursos. P.465.

SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. *Avaliação da aprendizagem em educação online*. Capítulo: Avaliação online: o modelo de suporte tecnológico do projeto telEduc. P.350-351

SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. *Avaliação da aprendizagem em educação online*. Capítulo: Avaliação no contexto educacional online. P.172

SOUZA, T. R. P. *A avaliação como prática pedagógica*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 8., 2001, Brasília. Anais ... Brasília: ABED, 2001. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2001/trabalhos.htm>>

Palloff e Pratt (2002). In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. *Avaliação da aprendizagem em educação online*. Capítulo: Avaliação da aprendizagem no ensino online. P.119.120

O ALUNO, O PROFESSOR E O TUTOR NA PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM COLABORATIVA

1. O ALUNO



O aluno que opta pela educação a distância precisa saber organizar o tempo de acordo com seu ritmo e vida pessoal. Além de criar uma regularidade no estudo, deve ter algumas habilidades tecnológicas mínimas, como saber utilizar um e-mail, realizar pesquisa na internet em sites confiáveis, referenciar as pesquisas nos trabalhos solicitados, saber visualizar vídeos e realizar downloads de textos.

Como podemos definir um aluno típico de EAD? A pessoa que opta por fazer um curso a distância está motivada por circunstâncias muito particulares, daí ser quase impossível a definição de um perfil único que retrate todos aqueles que a escolhem. Contudo, conhecer o perfil dos alunos e a forma como abordam a aprendizagem na construção do conhecimento é tarefa prioritária e, ao mesmo tempo, de extrema dificuldade quando se trata da educação *on-line*.

Os estudantes de EAD têm características que influenciarão no modo como abordarão a aprendizagem, como se beneficiarão e como enfrentarão os desafios em um curso nessa modalidade de ensino.

CARACTERÍSTICAS DO ALUNO EAD

CARACTERÍSTICA	IMPLICAÇÃO
Adultos com vidas ativas e compromissos familiares e profissionais.	Pouco tempo para estudar e outros compromissos podem interferir na programação de estudo.
Têm, normalmente, objetivos claros de aprendizagem.	Mais empenhados em atingir os objetivos e continuar a estudar, desde que possível.
Podem estar afastados do ensino formal há algum tempo.	Podem precisar de alguma orientação acerca dos processos de aprendizagem formais: redação acadêmica, investigação, utilização de biblioteca, etc.

Podem não ter possibilidade de contatar com bibliotecas ou com outros recursos acadêmicos.	Podem precisar que os recursos sejam disponibilizados de maneira diferente (disponíveis em centros de estudo ou enviados das bibliotecas).
Frequentemente interessados nas implicações da aprendizagem nas suas vidas e trabalho.	Mais susceptíveis de estarem motivados para continuar a estudar; podem querer explorar, de que forma a aprendizagem se relaciona com situações profissionais ou da vida.

Fonte: O'ROURKE (2003)

- ❖ Quais as ferramentas que você utilizaria para identificar o perfil de seus alunos?
- ❖ Você espera encontrar quais perfis no seu grupo de alunos?
- ❖ Quais as implicações dessas características para a aprendizagem a distância?



SAIBA MAIS! Sobre esta questão, vale a pena ler o artigo **Nossos alunos precisam saber criar conhecimento**, disponível em: <<http://porvir.org/porpensar/nossos-alunos-precisam-saber-criar-conhecimento/20130909>>

2. O PROFESSOR

Segundo PASSOS *et al.* (2013, p. 17), o professor “é o responsável pela elaboração do conteúdo do curso. Ao pensar esse conteúdo, ele não pode ignorar os diferentes contextos de atuação dos alunos. Portanto, deve estar apto para fazer uso das tecnologias disponíveis que podem auxiliá-lo na elaboração das aulas.



SAIBA MAIS! Para você que quer se aprofundar, não deixe de consultar: **Como usar as redes sociais a favor da aprendizagem**, disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/redes-sociais-ajudam-interacao-professores-alunos-645267.shtml>
Blog Utilizando as Mídias na Educação, disponível em: <http://utilizandomidias.blogspot.com.br/search?updated-max=2013-03-15T09:23:00-03:00&max-results=10&start=20&by-date=false>
Sala de Aula: Adolescentes e Mídias Digitais, disponível em: <http://www.lynn.pro.br/pdf/educatec/lago.pdf>

3. O TUTOR

Para exercer a tutoria, são necessárias habilidades e competências para

motivar o aluno para o estudo, facilitar a compreensão de conteúdos e esclarecer dúvidas. Além disso, o tutor deve ter bom conhecimento das TICs e saber utilizá-las.



FERREIRA; GARRIDO (2005), citado por PASSOS et al. (2013, p. 18), afirmam que “o tutor tem uma atuação bastante diversificada, agindo algumas vezes como assessor, orientador e, muitas outras, como professor, animador, facilitador da aprendizagem”.

4. APRENDIZAGEM COLABORATIVA

A *Aprendizagem Colaborativa com Suporte Computacional* vem do inglês *Computer Supported Collaborative Learning* (CSCL) e tem como objetivo estudar como as pessoas podem aprender em grupo com o auxílio do computador.



Arte: Ennio Venancio

Muitos veem as tecnologias como entediantes e uma forma mecânica de treinamento. A CSCL vem desmistificar esse entendimento e propõe o desenvolvimento de novos *softwares* e aplicações que propiciem a aprendizagem em grupo e que ofereçam atividades criativas de exploração intelectual e interação social.

Utilizar a tecnologia a esmo, apenas para a apresentação de conteúdo, por meio de *slides* ou vídeos, é simples. Mas sem planejamento e conhecimento prévio tecnológico, o resultado

pode ser uma experiência frustrante. Os conteúdos podem ser transmitidos de forma mais interativa e instigar a motivação de todos, se bem planejado e estruturado.

O ensino colaborativo mediado pela inserção do computador requer mais esforço e comprometimento dos professores, se comparado ao esforço gasto no ensino tradicional de sala de aula. O professor, além de preparar os conteúdos, precisa planejar a melhor forma de transmiti-lo, por meio do computador, e ainda necessita ser motivador de cada aluno, pela interação contínua para que eles tenham a sensação de presença.

Ainda que possibilite a participação de alunos do mundo todo e que os professores trabalhem de qualquer lugar, desde que conectados à internet, o ensino *on-line* implica num aumento significativo do esforço do professor por aluno.



Arte: Ennio Venancio

5. O que dizer sobre a aprendizagem colaborativa e a individual?

Segundo **Vygotsky**, aprendizes individuais têm capacidades de desenvolvimento diferentes em situações colaborativas das que eles têm quando estão trabalhando sozinhos. Ele propõe dois níveis de desenvolvimento: o **nível de desenvolvimento real** (capacidade que o indivíduo tem de resolver algo sozinho) e o **nível de desenvolvimento potencial** (capacidade de resolver problemas com a ajuda dos outros). Portanto, ele amplia o conceito de “zona de desenvolvimento proximal”, definido como a distância entre os níveis real e potencial, e que compreende o conhecimento que o indivíduo ainda não absorveu, mas tem potencialidade para isso.

Assim, conclui-se que não se pode medir a aprendizagem que ocorre nas situações colaborativas com o uso de pré- e pós-testes que medem as capacidades dos indivíduos quando eles estão trabalhando sozinhos. É necessário avaliar a aprendizagem em situações colaborativas, quando os participantes estão construindo o conhecimento em conjunto para assim medir seu desenvolvimento sobre aquele conteúdo, é neste contexto que está pautada a zona de desenvolvimento proximal.

Lev S. Vygotsky: professor e pesquisador foi contemporâneo de Piaget, e nasceu e viveu na Rússia. Professor, dedicou-se aos campos da pedagogia e psicologia. Construiu sua teoria tendo por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento, sendo essa teoria considerada histórico-social.

Fonte:_____. PSICOPEDAGOGIA Brasil Prazer em aprender.
Disponível em: http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/biografia_vygotsky.htm



SAIBA MAIS! Vygotsky (1896-1934) propôs:

Nível de desenvolvimento real: Momento no qual o indivíduo se apresenta apto a resolver um problema sozinho.

Nível de desenvolvimento potencial: O indivíduo realiza a atividade com a ajuda de alguém.

Zona de desenvolvimento proximal: É a distância entre as práticas que um indivíduo domina e as atividades nas quais ele depende de ajuda.

Para Vygotsky, é no caminho

Colaboração é a construção de significado de forma compartilhada. Essa construção acontece por meio da interação. Promover a construção colaborativa por intermédio do computador é criar atividades e ambientes que melhorem as práticas da construção de significado em grupo.

VARELLA et al (2002 apud LEITE et al., 2005, p.4) acredita que “ aliada à aprendizagem colaborativa, a tecnologia possa potencializar as situações em que os professores e alunos pesquisem, discutam e construam individualmente e coletivamente seus conhecimentos”.

Para LEITE et al (2005, p.4), o computador tem potencial para ser um recurso muito importante para a educação colaborativa no AVA: “(...) pois, além de servir para a organização das mais diversas, pode ser um meio para que os alunos colaborem uns com os outros nas atividades de grupo”.



Prado (2010) ressalta que o professor tem o papel de se tornar facilitador do processo de aprendizagem do aluno. O termo facilitador foi empregado para indicar que o professor ajuda a facilitar o desenvolvimento cognitivo do aluno, por meio de indagações que desequilibram as certezas inadequadas e que propiciam a busca de alternativas para encontrar a solução mais apropriada ao problema e ao estilo individual de pensamento (Petry & Fagundes, 1992; Almeida, 1996).

6. MUDANÇA SIGNIFICATIVA?

As tecnologias, principalmente as relacionadas à computação, têm tido um rápido avanço nas últimas décadas. A internet, sem dúvida, mudou a maneira de trabalharmos, de aprendermos e de nos divertirmos.

Contudo, temos que pensar que nenhuma tecnologia, não importa quão avançada for, tem a capacidade de mudar a prática educativa. Para que a aprendizagem torne-se significativa utilizando-se desses recursos são necessárias novas formas de ensinar e aprender.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LEITE, Cristiane L. K. et al. A aprendizagem colaborativa na educação a distância on-line.

Stahl, G. (2006). Group cognition: Computers support for building collaborative knowledge. Cambridge, MA: MIT Press. Retrieved from: <http://www.cis.drexel.edu/faculty/gerry/mit/>.

Vygotsky. Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação, Teresa Cristina Rego, 138 págs., Ed. Vozes

PETRY, P. P. & FAGUNDES L., O preparo dos professores para trabalhar no ambiente Logo. In Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v.5, no 1, p- 1-130, 1

O QUE É EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA?

Todos nós estamos acostumados ao tradicional método educacional que se baseia em aulas presenciais, nas quais os professores expõem o conteúdo do curso ou da disciplina aos alunos. A nossa participação, como estudantes, muitas vezes, é até passiva - e os recursos utilizados na exposição do conteúdo limitam-se a apresentações em *Datashow* ou ainda ao velho e “bom” quadro-negro.

Na educação presencial, a sala de aula é o espaço físico onde professor e alunos se interagem. Esse modelo favorece o contato professor-aluno, uma vez que horários e locais das aulas são fixos. Isso, de certa forma, deixa o aluno à vontade para procurar o professor, quando necessário.

1. MAS O QUE É EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA?



Educação a Distância (EAD) é definida por alguns autores como um método racional de partilhar conhecimento, habilidades e atitudes, aplicando os princípios organizacionais e a divisão do trabalho. Ela possibilita que um grande número de estudantes faça um curso ao mesmo tempo.

Outros a definem como o **Aprendizado Planejado**, que ocorre normalmente em um lugar diferente do local do ensino, exigindo:

- técnicas especiais de criação do curso e de instrução;
- comunicação por meio de várias tecnologias;
- disposições organizacionais e administrativas especiais.

Aprendizado Planejado: o aluno é estimulado, por meio do material didático, ao desenvolvimento contínuo dos seus estudos. Ele recebe orientações que o auxiliam na utilização das informações abordadas pelo material didático, de forma organizada e com indicações dos procedimentos a serem tomados ao longo do curso.



Cinco pontos caracterizam a EAD:

1. separação física e geográfica entre estudante e professor;
2. planejamento e preparação dos materiais de aprendizado por uma organização educacional;
3. suportes que viabilizem e incentivem a autonomia dos alunos no processo ensino-aprendizagem, bem como encorajem a interação entre eles;
4. aprendizado planejado, e não acidental;
5. comunicação por meio de tecnologias e mídias diversas.

Veremos mais detalhes sobre a definição de EAD ao longo deste texto, baseado em alguns autores.



SAIBA MAIS! Se você quiser ler mais sobre a parte conceitual da EAD, indicamos os seguintes livros:

LITWIN, E. Educação a distância: Temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2001.

BELLONI, M. L. Educação a Distância. Campinas: Autores Associados, 1999.

- ❖ Quais são as suas expectativas em relação à EAD?
- ❖ Você tinha informações sobre esse assunto?
- ❖ Como avalia a EAD?
- ❖ Em sua opinião, qual a imagem que a sociedade tem desse tipo de educação?



2. EVOLUÇÃO DA EAD

O recente desenvolvimento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e a popularização do uso do computador e produtos de comunicação móveis trazem novas perspectivas para a educação a distância. Hoje, ela é vista como uma modalidade de ensino capaz de atender tanto a programas formais e de longa duração, que oferecem diplomas e certificados, quanto a programas informais e de curto prazo, voltados para capacitação e treinamento em atividades profissionais.



Com o uso das TICs na educação, o aprendizado torna-se cada vez mais interativo e autônomo: o estudante passa a comandar seu tempo e ritmo de estudo, bem como a ter acesso praticamente irrestrito aos recursos educacionais por meio da internet.

3. GERAÇÕES

Mas vamos conhecer um pouco de sua história. O desenvolvimento da EAD foi marcado por algumas gerações relacionadas à evolução dos meios de comunicação e das tecnologias de informação.

As gerações de EAD podem ser divididas da seguinte forma:

- **1ª geração:** Tinha como característica dominante o estudo por correspondência. A metodologia consistia no envio por correio de material impresso para estudos acompanhado por exercícios de fixação. A interação entre aluno e instituição de ensino praticamente inexistia, limitando-se aos momentos de exames. Experiências do estudo por correspondências aconteceram em vários locais do mundo, como na Grã-Bretanha, a partir de 1840; na Europa em geral, em 1850, e, nos Estados Unidos, a partir de 1880.

- **2ª geração:** Surgiu com a integração de mídias audiovisuais - modelo de educação a distância baseado no rádio e na televisão. A EAD se tornou mais aberta, afastando-se do modelo industrializado da primeira etapa, e alcançando um grande número de alunos. Experiências desse tipo são notadas nos Estados Unidos, entre 1925 e 1930.

- **3ª geração:** Aconteceram experiências de articulação de várias tecnologias de comunicação, com o propósito de oferecer ensino de alta qualidade e custo reduzido:

O final da década de 1960 e o início da de 1970 formaram um período de mudanças importantes na educação a distância, resultantes de diversas experiências com novas modalidades de organização da tecnologia e de recursos humanos, conduzindo a novas técnicas de instrução e a uma nova teorização da educação (MOORE e KEARSLEY, 2007, p.34, citado por OLIVEIRA, 2012, p. 21).

Há o surgimento da *Open University*, na Inglaterra, e da abordagem sistêmica da educação a distância.

- **4ª geração:** Segundo MOORE e KEARSLEY (2007, p.34), citado por Oliveira (2012, p.23), “surge nos Estados Unidos a partir da década de 1980 e é baseada na tecnologia da teleconferência e voltada para uso em grupo, como evolução das audioconferências via telefone”.

- **5ª geração:** Caracterizou-se pelas aulas virtuais, baseadas no computador, na internet e no uso das multimídias. Estima-se que, em 1992, havia 50 páginas na web. Em 2012, foram criadas 634 milhões.

Na evolução da EAD, vários marcos mundiais podem ser citados. Dentre eles:

- a oferta do primeiro curso universitário a distância pela University of Chicago, em 1882;
- a criação do Centre National d’Enseignement à Distance (CNDE), na França, em 1939 (<http://www.cned.fr/>);
- a oferta do primeiro curso de formação básica a distância pela Cavert School, em Baltimore (EUA), em 1906;
- a criação da Open University (OU), em Londres, no final da década de 1960 e o início de seu funcionamento em 1970.



SAIBA MAIS! A Open University é considerada o marco da EAD, pois contribuiu decisivamente para o desenvolvimento de métodos, técnicas e tecnologias que deram mais solidez aos processos educacionais a distancia. Leia sobre seus pesquisadores e trabalhos: <http://www.open.ac.uk/>

- o relatório denominado VOCTADE – Vocational Education and Training at a Distance in the European Union, concluído em 1997 -, um trabalho científico que muito colaborou para o desenvolvimento da EAD. Acesse: <http://www.pjb.co.uk/11/lead.htm>; http://deposit.fernuni-hagen.de/1910/1/ZP_110.pdf

QUADRO 1 – AS CINCO GERAÇÕES DA EAD

CARACTERÍSTICA	TECNOLOGIA E MÍDIA UTILIZADAS	OBJETIVOS PEDAGÓGICOS	MÉTODOS PEDAGÓGICOS
1ª geração – 1880	Imprensa e correios	Atingir alunos desfavorecidos socialmente, especialmente as mulheres.	Guias de estudo, autoavaliação, material entregue nas residências.
2ª geração – 1921	Difusão de rádio e TV	Apresentação de informações aos alunos, a distância.	Programas tele-transmitidos e pacotes didáticos; todo o material referente ao curso é entregue ao aluno pelos correios ou pessoalmente.
3ª geração – 1970	Universidades Abertas	Oferecer ensino de qualidade com custo reduzido para alunos não universitários.	Orientação face a face, quando ocorrem encontros presenciais.
4ª geração – 1980	Teleconferências por áudio, vídeo e computador	Direcionado a pessoas que aprendem sozinhas, geralmente estudando em casa.	Interação em tempo real de aluno com aluno e instrutores a distância.
5ª geração – 2000	Aulas virtuais baseadas no computador e na internet.	Alunos planejam, organizam e implementam seus estudos por si mesmos.	Métodos construtivistas de aprendizado em colaboração.

CARACTERÍSTICA	FORMAS DE COMUNICAÇÃO	TUTORIA	INTERATIVIDADE
1ª geração – 1880	Correios e correspondência.	Instrução por correspondência.	Aluno/material didático escrito.
2ª geração – 1921	Rádio, TV e outros recursos didáticos: caderno didático, apostilas, fita K-7.	Atendimento esporádico, dependendo de contatos telefônicos, quando possível.	Pouca ou nenhuma interação professor/aluno.
3ª geração – 1970	Integração áudio e vídeo e correspondência.	Suporte e orientação ao aluno. Discussão em grupo de estudo local e uso de laboratórios da universidade nas férias.	Guia de estudo impresso, orientação por correspondência, transmissão por rádio e TV, audiotapes gravados, conferências por telefone, kits para experiências em casa e biblioteca local.
4ª geração – 1980	Recepção de lições veiculadas por rádio ou televisão e audioconferência	Atendimento síncrono e assíncrono, dependendo de contatos eletrônicos.	Comunicação síncrona e assíncrona com o tutor, professor e colegas.
5ª geração – 2000	Síncrona e assíncrona.	Atendimento regular por um tutor, em determinado local e horário.	Interação em tempo real ou não, com o professor do curso e com os colegas de curso.

Adaptado de MOORE, M.; KEARSLEY, G. 1996.

FARIA e SALVATORI (2010, p.20) apontam que “já antes de 1900 existiam anúncios em jornais de circulação no Rio de Janeiro, como o Jornal do Brasil, que ofereciam cursos profissionalizantes por correspondência”.

EAD no Brasil

Os principais marcos da EAD no Brasil foram:

- a criação das Escolas Internacionais, em 1904, com cursos voltados para a formação profissional;
- a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, que, antecipando uma tendência, oferecia educação popular via rádio;
- a fundação do Instituto Universal, em 1941;
- o Programa Nacional de Teleducção, iniciado em 1972;
- a criação do Fundo de Financiamento da Televisão Educativa (Funtevê), que possibilitou o ingresso de instituições privadas nas iniciativas de educação a distância.
- a Fundação Roberto Marinho e seus telecursos, bem como os programas da TV Educativa;
- a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, que incentiva o desenvolvimento e a veiculação de programas de educação a distância;
- a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), em 2005.



SAIBA MAIS! Quer saber mais sobre a LDB e sobre o sistema UAB? Acesse <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> e <http://www.uab.capes.gov.br/>

❖ Faça uma revisão sobre a evolução da EAD no Brasil e suas principais críticas.



A partir da metade do século XIX, o desenvolvimento da EAD passou a despertar o interesse dos estudiosos. Destacaram-se: John Baath (Suécia); John Daniel (Reino Unido); Borge Holmberg (Suécia); Desmond Keegan (Irlanda); Michael Moore (Reino Unido); Otto Peters (Alemanha); David Sewart (Reino Unido); Benedetto Vertecchi (Itália); e Charles Wedemeyer (Estados Unidos).

Por considerar que os pressupostos teóricos da educação a distância são ainda frágeis e carentes de aprofundamento, Keegan (1993) classifica as contribuições dos autores de renome em três correntes teóricas:

- A teoria da Industrialização de Otto Peters, que considera a educação a distância como uma **forma industrializada do ensino-aprendizagem**;
- As teorias que apontam para a **independência do aluno** como o componente essencial, notadamente as de Wedemeyer e de Moore;
- As **teorias da comunicação e integração**, trabalhadas por Baath, Sewart, Holmberg e Daniel.



SAIBA MAIS! Para saber mais sobre esses autores e suas teorias, visite a homepage do professor Keegan http://homepage.tinet.ie/~dei/ICDERA/Board/D__Keegan/d__keegan.htm

Entre os estudiosos brasileiros, estão: Maria Luiza Belloni; Paulo C. Cunha Filho; Cláudia M. Landin; Omar B. Martins; José Manuel Moran; André Neves; Carmem Moreira de Castro Neves; Arnaldo Niskier, Ivônio Barros Nunes e José Armando Valente.

4. CONCEITUAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

Para Otto Peters (1973), autor da teoria da industrialização e racionalização da educação, a EAD é um método racional de partilhar conhecimento, habilidades e atitudes que aplica os princípios organizacionais do planejamento, da organização, da divisão do trabalho, da mecanização, da linha de montagem e dos métodos científicos de controle. Para esse autor, o uso extensivo de meios de comunicação possibilita instruir um grande número de estudantes ao mesmo tempo, sendo uma forma industrializada de ensinar e aprender.



O processo de ensino é baseado na divisão do trabalho, separado da pessoa do professor e composto de etapas. Cada uma é de responsabilidade de um especialista e pode ser rigorosamente planejada. O planejamento detalhado permite que os objetivos educacionais, que são, por sua vez, claramente definidos, possam ser alcançados da maneira mais eficiente.

Com o uso de equipamentos e tecnologias de duplicação e de organização, pode-se manter o padrão de qualidade para um número, teoricamente, ilimitado de estudantes, que se beneficiam de um curso já testado *a priori*. Como a eficácia de um curso a distância pode ser claramente monitorada em qualquer tempo por métodos científicos, sua qualidade pode ser também constantemente melhorada.

Otto Peters (1973) destaca os seguintes aspectos na educação a distância:

1. A presença do professor ou do tutor se dá de maneira virtual em quase todo o processo, especialmente quando os recursos de comunicação utilizados são mídias que dependem de conexão com a internet.
2. O estudo acontece de forma individualizada e independente pelo aluno.
3. Deve haver um sistema que viabilize e incentive a autonomia dos estudantes durante o processo de aprendizagem.
4. O uso de várias tecnologias que permitem a mediação entre os envolvidos no processo de ensino aprendizagem.
5. Estabelecimento de diálogo entre professor e aluno, mesmo a distância.



SAIBA MAIS! Veja uma entrevista com o professor Otto Peters, disponível em: <http://vimeo.com/33107755>. Conheça mais sobre a teoria dele em: <http://www.c3l.uni-oldenburg.de/cde/found/peters67.htm>

Um dos mais respeitados educadores, pesquisadores e estudiosos da educação a distância, autor de vários artigos e livros sobre o tema, Michael G. Moore, é um dos responsáveis pela criação da *Open University*. Ele é o autor da Teoria do Ensino – Aprendizagem Independente, publicada em 1972, que, em 1993, foi desenvolvida para a Teoria da Distância Transacional.



SAIBA MAIS! Para obter mais detalhes sobre a Teoria da Distância Transacional, acesse: http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2002_Teoria_Distancia_Transacional_Michael_Moore.pdf

Para Moore, educação a distância é o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local do ensino. Para tanto, a criação do curso e a metodologia de instrução são baseadas em técnicas especiais que consideram três dimensões:

- 1. a estrutura:** reflete as disposições organizacionais e administrativas e o *design* do curso;
- 2. o diálogo:** se refere às mídias de comunicação empregadas;
- 3. a autonomia dos estudantes:** definida como o grau que, em determinado curso ou programa, os alunos definem objetivos, implementam processos, recursos e avaliação. O outro lado dessa moeda é o controle do professor.



SAIBA MAIS! Conheça mais sobre esses autores em:

<http://www.ed.psu.edu/educ/adult-education/faculty/michael-g-moore>

http://wikieducator.org/WikiEdProfessional_DE_Concepts/Michael_Moore

http://www.instructionaldesign.org/instructional_designers/kearsley.html

Veja uma entrevista com Michael G. Moore:

<http://steve-wheeler.blogspot.com.br/2013/06/an-interview-with-michael-g-moore.html>

Entenda mais sobre a mudança de foco nas teorias sobre educação a distância em: <http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/2/333>

KEEGAN (1996) citado por GOMES (s/d, p.12) aponta as seguintes características essenciais à educação a distância:

- A separação física entre professor e aluno durante quase todo o processo educativo.
- A separação do aluno de um grupo de aprendizado.
- A participação de uma organização educacional, contendo planejamento, sistematização, plano, projeto e organização dirigida.
- O uso de várias tecnologias e mídias para a distribuição do conteúdo do curso.
- A comunicação de “mão dupla”, que permite ao aluno iniciar um diálogo

com o professor.

- Realização de encontros ocasionais presenciais, com objetivos didáticos e de socialização.



Para Moran (2002), a educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias, no qual professores e estudantes estão separados espacial e/ou temporalmente, mas estão conectados e interligados por tecnologias, como a internet. O autor comenta que na expressão “ensino a distância” a ênfase é dada ao papel do professor (como alguém que ensina a distância) e que prefere a palavra “educação”, por ser mais abrangente, embora, em sua opinião, nenhuma das expressões seja perfeitamente adequada.



SAIBA MAIS! Visite a homepage do professor Moran:

<http://www.eca.usp.br/moran/index6.html>

Assista à entrevista com o autor:

<http://www.ufrgs.br/nucleoad/documentos/moranUniversidades.htm>

(parte 1)

<http://www.youtube.com/watch?v=Wbw0T677NEQ>

(parte 2)

<http://www.youtube.com/watch?v=nUFCIze50VY>

Landim (1997), citado por Pimentel (2006), analisou 21 definições de EAD formuladas por diferentes autores no mundo, entre os anos de 1967 e 1994, e apontou as características comuns, com os percentuais de incidência de cada uma, como mostra a tabela a seguir:

CARACTERÍSTICAS	%
Separação professor-estudante	95
Meios técnicos ou diferentes mídias (vídeo, material impresso, filmes, sons, simulações e outros)	80
Organização no planejamento e preparação dos materiais que serão disponibilizados aos alunos	62
Aprendizagem independentemente de professor, ou seja, o aluno é estimulado a construir o conhecimento por si mesmo, a partir de suas práticas e reflexões, podendo se tornar ator e autor de seu aprendizado	62
Comunicação bidirecional	35

Comunicação massiva: um curso é produzido e facilmente utilizado por um grande número de alunos, com o mínimo de gastos	38
Recursos técnicos de comunicação professor-aluno e aluno-aluno, por meio de correio, rádio, TV, telefone, fax, hipermídia interativa e internet	30
Educação corporativa, ou seja, as empresas promovem treinamento para seus funcionários	15

Fonte: Adaptado de Pimentel, 2006.



O Decreto nº 2.494/1998, que regulamenta o Artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases – LDB (Lei nº 9.394/1996) -, define EAD como “uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação” (BRASIL, 2013).

A educação a distância é vista não somente como uma modalidade de ensino, mas também como uma nova cultura escolar que exige novos procedimentos para o acompanhamento e a avaliação de aprendizagem. Apresenta-se em um *não lugar*, um espaço virtual indeterminado, e se caracteriza por uma nova relação entre os participantes, os conteúdos, as metodologias, as tecnologias, os comportamentos e a avaliação. Isto significa que a EAD é considerada como cultura diferenciada e que exige novos procedimentos para o acompanhamento e a avaliação da aprendizagem (KENSKI, 2010).

❖ Que dimensões você incluiria em sua própria definição de educação a distância?



5. A EAD e as políticas públicas no Brasil

Na sociedade do conhecimento, a educação inova por meio de processos de socialização que buscam cumprir sua função de integradores, possibilitando ao sujeito adequar-se ao seu meio e desempenhar os papéis que socialmente lhe são destinados. É neste cenário que a EAD ganha notoriedade e credibilidade como modalidade de ensino e aprendizagem, devido à sua multiplicidade de recursos de multimídia utilizados pela internet e ainda pelas características de relação dialógica entre professores e alunos (MILL e PIMENTEL, 2010).

Os avanços tecnológicos no sistema educacional têm incentivado o poder público a desenvolver políticas públicas voltadas para programas de educação a distância. Isso pelo fato de que as tecnologias criam novas condições de

produção e recepção de conhecimentos, nas quais a presença física do professor não se torna tão necessária.

Se adequadamente aplicadas, as políticas públicas voltadas para a EAD irão contribuir, por exemplo, para:



- expansão do ensino em todos os níveis (fundamental, médio e superior);
- inclusão social (por meio do acesso, da permanência e da qualidade da aprendizagem para a população menos favorecida economicamente);
- qualificação de professores, por meio de programas de aperfeiçoamento;
- oferta de ensino de qualidade em todos os cantos do país (GOMES, s/d, p.52).

No Ministério da Educação (MEC), a Secretaria de Educação a Distância (SEED) é responsável pela coordenação de vários programas, ações e políticas nessa área. Eles objetivam a qualidade e a ampliação do acesso à educação, bem como materiais didáticos com menores custos.

Exemplos de políticas públicas atuais voltadas para a EAD no Brasil são:

- Programa de ampliação da oferta do ensino superior gratuito e de qualidade no Brasil;
- Programa de Formação Inicial para Professores do Ensino Fundamental e Médio (Pró-Licenciatura), curso do MEC destinado a professores sem a habilitação mínima legalmente exigida, mas que lecionam nos ensinos fundamental ou médio;
- Projetos que envolvem a produção de conteúdos educacionais digitais multimídia nas áreas de Matemática, Língua Portuguesa, Física, Química e Biologia do ensino médio e incentivam o uso de novas tecnologias nas escolas;
- Projeto Universidade Aberta do Brasil (UAB), que objetiva expandir a oferta de educação superior a distância.

UAB

De acordo com o Decreto 5.800/2006 da Presidência da República, a UAB, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País, tem como objetivos:

I - oferecer, prioritariamente, cursos de licenciatura e de formação inicial e continuada de professores da educação básica;

II - oferecer cursos superiores para capacitação de dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos estados, do Distrito Federal e dos municípios;

III - oferecer cursos superiores nas diferentes áreas do conhecimento;

IV - ampliar o acesso à educação superior pública;

V - reduzir as desigualdades de oferta de ensino superior entre as diferentes regiões do país;

VI - estabelecer amplo sistema nacional de educação superior a distância;

VII - fomentar o desenvolvimento institucional para a modalidade de educação a distância, bem como a pesquisa em metodologias inovadoras de ensino superior apoiadas em tecnologias de informação e comunicação.

Conforme o artigo 2º do Decreto, o Sistema UAB, em regime de colaboração com a União e com entes federativos, cumpre suas finalidades e objetivos socioeducacionais mediante a oferta de cursos e programas de educação superior a distância por instituições públicas de ensino superior, em articulação com polos de apoio presencial.

Você já teve a possibilidade de conhecer as características de EAD, que tem como principal delas a separação física entre professor e aluno. Consequentemente, a EAD pode gerar certa insegurança, já que os contatos “face a face” entre professor e aluno não ocorrem de forma constante nos encontros presenciais nos polos ou mesmo por meio de vídeo ou web conferência. Por isso, é bom saber como cada um dos atores deve se comportar nesse processo.

6. CARACTERÍSTICAS DA EAD

São três as principais características da EAD: acessibilidade, flexibilidade e foco no aluno. É importante que a gente comente um pouco sobre cada uma delas.

➤ **ACESSIBILIDADE:** O acesso a universidades federais ainda está distante para muitos. O número de vagas é inferior ao de pessoas que desejam fazer um curso superior. Além disso, a maioria das universidades está localizada em grandes cidades ou próximas a elas. Mas as verdadeiras dificuldades para o ingresso de muitos jovens à universidade são a necessidade de trabalhar para o sustento próprio e/ou da família e a impossibilidade de arcar com o custo de deslocamento e manutenção durante o curso. Com os cursos a distância, esses obstáculos podem ser superados.

A acessibilidade é uma característica-chave da EAD. Por isso, os métodos e as tecnologias devem melhorá-la, e não limitá-la. Por exemplo: se a maioria dos alunos tem acesso restrito a computadores e internet, o envio regular de *e-mails* pelos coordenadores do curso/professores limitará a acessibilidade.

- ❖ Quais são, no seu contexto, as principais dificuldades encontradas para o acesso à educação convencional?
- ❖ Como é a EAD pode ajudar a superar essas dificuldades?



➤ **FLEXIBILIDADE:** Se considerarmos que os alunos dos cursos a distância são pessoas que precisam trabalhar e não dispõem de horário livre para frequentar um curso presencial, a EAD possibilita que eles assistam suas aulas, estudem e façam suas atividades em horários mais adequados.

O ensino a distância oferece uma abordagem flexível para estudar, permitindo às pessoas ajustarem seus estudos em torno de seus compromissos profissionais e pessoais. O termo *flexibilidade* abrange o conceito de dar aos alunos:

- **flexibilidade física** para estudarem em qualquer lugar e a qualquer momento, sendo o único fator limitante o alcance da internet;
- **flexibilidade de aprendizagem** - o aluno tem um papel ativo sobre o ritmo e as necessidades de aprendizagem, podendo estudar as matérias, os cursos e os programas na ordem que melhor lhe convier. Ele gerencia seus horários de estudo e de acesso ao material disponibilizado no *site* da instituição a que está vinculado.

Essa flexibilidade democratiza os estudos e as oportunidades, além de possibilitar maior número de oferta de cursos e produção de materiais pedagógicos de menor custo.

➤ **FOCO NO ALUNO:** Em EAD, a expressão *foco no aluno* pode ser entendida como uma forma de atender às necessidades de cada um sem se prender à conveniência institucional. Permite aos alunos prosseguirem os estudos de uma forma que seja apropriada às circunstâncias, objetivos e estilos de aprendizagem. Para a instituição, essa expressão significa fornecer ensino de qualidade, materiais apropriados e mídia acessível, dando apoio suficiente para *garantir aos alunos a possibilidade de êxito ao completarem o curso*.



Uma das metas básicas para o desenvolvimento da EAD consiste em oferecer um ensino e uma formação mais centrados no aluno.

- ❖ Como você definiria foco no aluno? Quais são as implicações no seu contexto?
- ❖ Como você concilia o foco no aluno com a necessidade de ser fiel à sua disciplina?
- ❖ Será possível oferecer EAD centrada no aluno? Por quê?

